

HERMENÊUTICA, IDEOLOGIA E POLÍTICA

CARVALHO, Isaar Soares de¹

RESUMO: O trabalho aborda as relações entre as teorias políticas, a ideologia e a hermenêutica, especialmente quanto ao uso da Bíblia em prol de interesses políticos e de classe, como na defesa da origem divina do poder, da monarquia como melhor forma de governo e da defesa do poder absoluto do Estado. Estabelecendo um diálogo com a Literatura, examina a crítica amadiana às relações entre a Igreja e a classe dominante e ao uso da Bíblia para justificar a violência na luta pela terra no Brasil. Enfim, mostra-se como, no Brasil, a Bíblia foi usada como recurso ideológico, tanto pelo clero quanto pelos conquistadores de terras, que liam o livro de forma superficial e pragmática, tendo uma visão mágica do texto e, com isso, procurando justificar a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica, Jorge Amado, Religião, Estado.

ABSTRACT: The work deals with the relationship between the political theories, ideology and hermeneutics, especially regarding the use of the Bible for political interests and class, as in the defense of the divine origin of the power of the monarchy as the best form of Government and absolute power of the State. Establishing a dialogue with literature, examines the critical amadiana relations between the Church and the ruling class and use the Bible to justify violence in the struggle for land in Brazil. Anyway, it is shown how, in Brazil, the Bible was used as the ideological feature by both the clergy and the conquistadores, who read the book so shallow and pragmatic, having a magical vision of the text and, with it, seeking to justify the violence.

KEYWORDS: Hermeneutics, Jorge Amado, Religion, State.

¹ Doutor em Filosofia (UNICAMP). Pós-Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP). Professor da UEMG, Unidade Frutal.

INTRODUÇÃO

O controle da interpretação da Bíblia foi reconhecido, ainda no Século XX, pelo historiador Daniel-Rops, da Academia Francesa, que afirmou que são “cristãos afastados da comunidade católica” aqueles que “creem que a Bíblia, mensagem direta e pessoal de Deus, possa viver sem a Igreja estabelecida por Cristo, como se não fora essa mensagem entregue, coletivamente, a um povo organizado pela vontade de Deus”². O erudito escritor afirma ainda que “os padres dos primeiros tempos já o sabiam, pois que neles se confundiam a fé na Escritura e a fé na Igreja, não somente por ser garantida por decisão canônica a veracidade do texto, mas porque a tradição era para eles a de uma Bíblia viva. Assim, a Bíblia, prolongada pela Igreja”, e ainda que “no momento em que esta Igreja, pela voz do magistério infalível, multiplica-se as admoestações em favor da leitura e do estudo da Bíblia, esta certeza impunha-se, mais do que nunca, ao espírito, de que seria na Igreja e por ela que a Escritura encontraria toda a sua pujança”³.

Daniel-Rops afirma ainda que “Lutero, porém, e, ao lado dele, os demais ‘reformadores’, rendendo ao Livro sua supremacia e repercussão, cometeram o erro inexpiável de separá-lo da tradição que lhe havia garantido o texto e contribuído para elucidá-lo”, e que, “tornada para o homem como fonte única de fé e vida espiritual, oferecia a Bíblia o meio de se prescindir da Igreja, de sua organização social, da tradição e da hierarquia”.

Acresce ainda o ilustrado escritor que “a Igreja Católica mediu o perigo dessa quebra na evolução histórica da mensagem cristã e dessa individualização da crença. Reagiu, então, pelas medidas de proteção que tomou o Concílio de Trento, principalmente pela interdição aos fiéis de lerem a Sagrada Escritura nas traduções em língua vulgar que não tivessem sido aprovadas por ela e não fossem acompanhadas de comentários conforme à Tradição Católica”. Essa medida fez com que se tornasse corrente a afirmação:

² Daniel-Rops. *Que é a Bíblia?* S. Paulo: Flamboyant, 1958, p. 112.

³ Idem, *ibidem*.

“A Bíblia está no Index” ou ainda esta outra: “Um católico não deve ler a Bíblia”⁴.

Se tomarmos em mãos *Os Sermões*, do Padre Antônio Vieira, veremos como, no Século XVII, esse controle do Magistério sobre a interpretação da Bíblia era assaz rigoroso: como interpretar, o que pregar, a quem pedir autorização para enunciar o verbo divino. E saber que o Sermão da Sexagésima começa com a repetição do texto do Evangelho: “Eis que o semeador saiu a semear”. Mas a semeadura, mesmo a de um Vieira, teve de passar pelo crivo do Magistério. Dessa forma, a Hermenêutica se rende à visão de mundo da Igreja, mas onde estaria a essência mesma do texto, se sua interpretação tem de ser submissa a uma instituição? Será que esta poderia prender ou colocar limites mesmo à palavra de Deus, que não volta para ele vazia, mas prospera naquilo para o que foi enviada, como diz o profeta Isaías?

No entanto, até à própria divindade a Igreja tentara colocar limites. E ao selecionar o que é canônico, a Igreja já adota uma forma de interpretação. Depois controla a leitura e as interpretações dos textos considerados sagrados, administra os sacramentos e passa a interferir na propriedade, nos casamentos, nas heranças, a ter um conjunto de regras jurídicas próprias, o Direito Canônico, e mais, pretenderá ser superior ao Estado.

Então, surge, na história do pensamento político, uma nova hermenêutica da Bíblia, feita por Thomas Hobbes, que interpreta as Escrituras com a finalidade de demonstrar que a soberania do Estado é absoluta e inalienável, bem como que toda instituição só terá legitimidade se obtiver o reconhecimento do Estado. Pelas Escrituras ele ensina também que Cristo não desobedeceu ao Estado e que nada ensinou nesse sentido, que sua missão foi a de Redentor e que seu reino, como ele mesmo disse, não é deste mundo. Sendo assim, a Igreja não pode ter a presunção de colocar-se acima do Estado. Por outro lado, a leitura da Bíblia feita pelos leigos pode levar a interpretações superficiais e a absurdos hermenêuticos. Creio que seja isso o que Jorge Amado quis mostrar, na obra *Terras do Sem-Fim*, ao citar situações em que a leitura da Bíblia era feita.

⁴ Daniel-Rops, op. cit., p. 10-11.

DESENVOLVIMENTO – PARTE I

As reflexões a seguir expõem parte da pesquisa de Pós-Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas, realizado na USP, especificamente no capítulo III do texto entregue ao programa de pós-graduação, intitulado “Abordagem histórica das interpretações da Bíblia em relação ao Estado”, em diálogo com a obra de Jorge Amado, que privilegia a reflexão política e social e que apresenta uma visão crítica da religião e de suas relações com a classe dominante em várias de suas obras, como em *Cacau*, *Gabriela*, *Terras do Sem Fim*, *Seara Vermelha*, *Tenda dos Milagres* e *O Sumiço da Santa* (para citar alguns exemplos relevantes, devido à extensão da produção amadiana).

Na obra *O Sumiço da Santa*, por exemplo, o autor faz uma crítica à situação social dos fiéis da paróquia do jovem padre que chegara a Salvador, nos seguintes termos: “Na distante freguesia que lhe coubera, os paroquianos eram pobres de Deus, servos dos ricos, sujeitos à lei imemorial da violência”⁵.

Antes, na obra *Cacau*, o autor denunciara o fato dos homens do campo serem obrigados a construir um templo para a realização dos cultos celebrados pela classe dominante, afirmando criticamente que os meninos da roça de cacau pensavam que os padres eram seus inimigos, visto serem amigos dos coronéis e serem bem recebidos nas fazendas. Assim, esses meninos oprimidos comparavam Deus aos coronéis, devido à riqueza e à força destes.

Jorge Amado assim descreve o seu imaginário teológico: “Possuíam uma vaga ideia de Deus, um ser assim como o coronel, que premiava os ricos e castigava os pobres. Cresciam cheios de superstições e de feridas. Sem religião, sentiam um inimigo no padre. Odiavam-no naturalmente, como odiavam às cobras venenosas e aos filhos pequenos dos fazendeiros”⁶.

Também em *Cacau* ele faz uma leitura crítica da afirmação de Cristo: “Eu sou o pão da vida”. Para Jorge, ainda que um comerciante de alimentos seja católico e tenha no estabelecimento uma imagem de São José, o santo

⁵ *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*. 3. ed. Rio: Record, 1999, p. 6. (1ª. ed., 1988).

⁶ *Cacau*, 53. ed. Rio: Record, 2001, p. 71. (1ª. ed., 1933).

mais venerado pela Igreja, no capitalismo o pão continua a ter um preço. Nesse sentido, Amado introduz na narrativa uma discussão sobre Jesus como o pão da vida e a situação de exclusão em nossa sociedade, conforme se segue:

[...] Detive-me junto a uma padaria. Molecotes e empregados entravam e saíam com embrulhos de pães e biscoitos. Eu entrei também. E quedei-me olhando o imenso monte de pão que subia pela parede até tocar na imagem de São José, padroeiro da 'Pastelaria X do Problema'. Pensei em Jesus multiplicando os pães, mas logo depois não via mais Jesus. Via a fome. A fome com os cabelos de Jesus e os seus olhos suaves. A fome multiplicava os pães, enchia a pastelaria toda, deixando um canto apenas para o empregado. Após multiplicar, dividia. A fome tinha agora um manto de juiz e a mesma expressão terna de Jesus. E dava os pães todos aos ricos, que entravam em procissão com notas de cem mil-réis nos dedos com anéis e mostrava um grande pedaço de língua aos pobres, que na porta estendiam os braços secos [...].⁷

O autor mostra, assim, que o homem excluído dos meios de produção, e que não tem como se alimentar, vive numa sociedade em que uma imagem de São José, o santo mais venerado no catolicismo, nada significa num estabelecimento comercial em relação à solidariedade com o próximo, o que mostra o alcance do modo de pensar capitalista. Por outro lado, a própria Igreja se tornou uma grande proprietária de terras, interferiu na Política por séculos e diversas instituições evangélicas, as quais não fazem parte do Protestantismo Histórico, adotam uma lógica empresarial e seguem a ética do capitalismo, confirmando o que Marx afirmara há tanto tempo, isto é, que vivemos na “época em que todas as coisas, morais ou físicas, tornando-se valores venais, são levadas ao mercado para serem apreciadas pelo seu mais justo valor”, e onde a religião e seus bens simbólicos estão entre os melhores negócios⁸.

Nesse sentido, em *Gabriela*, o pároco de Ilhéus é um proprietário de roça de cacau e seu empenho pela realização de uma procissão em busca do milagre da chuva demonstrava seus próprios interesses. E assim, Jorge Amado descreve, com ironia, a performance do pároco durante a procissão: “O padre Basílio elevava a voz sonora puxando as preces. Escolhido para a importante função por suas eminentes virtudes, por todos consideradas e estimadas, o

⁷ Idem, p. 9.

⁸ Karl Marx, *Miséria da Filosofia* (1847), p. 03. Disponível em: (<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/miseria/cap01.htm>: acesso em 25/10/17).

fora também por ser o santo homem proprietário de terras e roças, diretamente interessado na intervenção celestial. Rezava assim com redobrado vigor”⁹.

E, ainda que a sociedade se unisse em preces em busca da chuva, Jorge Amado mostra que a luta e a distinção de classes permanecia a mesma em Ilhéus, mesmo em relação à Religião, pois os ricos preferiam ir à Igreja Matriz de São Sebastião, a Igreja dos coronéis, enquanto os pobres frequentavam a Igreja de S. Jorge. Assim, Jorge Amado mostra que a própria Igreja se estratifica, reproduzindo o modelo social, político e econômico vigente.

Os coronéis não eram de frequentar Igreja, a não ser numa ocasião que fosse também um fato político, como diz o autor: “Os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não frequentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão... Contentavam-se com atender aos pedidos de dinheiro do bispo e dos padres para obras e folgedos: o colégio das freiras no alto da Vitória, o palácio diocesano, escolas de catecismo”¹⁰.

Na obra *Gabriela*, Jorge Amado denuncia também as citações da Bíblia por mera hipocrisia, especialmente por parte do Dr. Maurício Caires, que discursava frequentemente em prol da moral e dos bons costumes. O causídico, que parecia ser um arauto da moral cristã, vivia a citar a Bíblia, condenava o adultério e o cinema, mas era um hipócrita em busca de jovens negras carentes, oferecendo-lhes auxílio, presentes e mesmo propondo sua adoção, por interesses sexuais. Era ele o advogado do coronel Jesuíno, que matara a esposa e seu amante e que no Júri iria citar o Antigo e o Novo Testamento. No entanto, dele exclamava o Capitão: “Esse Maurício é um saco de hipocrisia... Viúvo descarado. Dizem que não há negrinha que se agunte em suas mãos”¹¹.

Quanto à menção direta da Bíblia por Jorge Amado, na obra *Terras do Sem Fim*, ele faz frequentes referências ao hábito da leitura da Bíblia feita por Sinhô Badaró, afirmando que “onde quer que ele estivesse, na fazenda, em Ilhéus, mesmo na Bahia a negócio, onde quer que fosse, alguém havia de ler

⁹ *Gabriela, Cravo e Canela*. 93. ed. Rio de Janeiro: S. Paulo: Record, 2006, p. 05, (1ª. ed., 1958).

¹⁰ *Idem*, p. 8.

¹¹ *Idem*, p. 77.

para ele ouvir, cada noite, trechos esparsos da Bíblia, momento em que ele procurava adivinhar conselhos e profecias para os seus negócios”¹².

Um dos trechos da Bíblia lidos dessa forma é o seguinte, do “Livro de Josué”: "Tomou, pois, Josué, toda a terra das montanhas e do meio-dia, e a terra de Gósen, e a planície, e o distrito ocidental, e o monte de Israel e as suas campinas”¹³. E, para confirmar como proceder na luta pela terra em torno de Ilhéus, Sinhô se orienta, então, pelo seguinte versículo, lido ao acaso por Don’Ana: “Não terás misericórdia com ele, mas far-lhe-ás pagar vida por vida, olho por olho, dente por dente”¹⁴.

Sinhô Badaró, acreditava que “a página aberta casualmente era aquela que tinha o que ensinar” e se não ficasse satisfeito com o trecho lido, sua filha lia até que ele encontrasse “uma relação entre a página lida e o negócio que o estava preocupando” e interpretava o texto “em função das suas necessidades”¹⁵.

Por outro lado, foi também em função de suas necessidades que o Magistério Eclesiástico interpretou e definiu o Cânon bíblico, exercendo rígido controle na forma de interpretação dos livros selecionados como sagrados, de acordo com os interesses da Igreja e dos membros do clero.

Já, na obra *Seara Vermelha*, a narrativa amadiana enfatiza principalmente a situação de escravidão em que viviam os homens do campo, que quando partiam para o trabalho com a foice ao ombro, eram como escravos com cadeias nos pés. Jorge procura, nessa obra de engajamento, de forma didática, colaborar para o desenvolvimento da consciência de classe e a organização dos trabalhadores do campo na luta por seus direitos, bem como mostra a presença dos ideais comunistas entre membros do Exército brasileiro.

Em relação à religião, Jorge Amado mostra que a situação de opressão extrema em que viviam os trabalhadores do campo era propícia para o aparecimento de pregadores no campo, falando, então, de dois personagens carismáticos do sertão, os beatos Estêvão e Zefa. Ambos davam esperança

¹² *Terras do Sem Fim*, 1943, p. 79 (<https://www.elivrosgratis.com/livro/1599/terras-do-sem-fim-jorge-amado.html>, acesso em 25/10/17).

¹³ Idem, p. 81. O texto citado é de Josué 11:16.

¹⁴ Idem, p. 83. O texto citado é de Deuteronômio 19:21.

¹⁵ Idem, p. 79

aos oprimidos, porém, pregavam, ao mesmo tempo, o juízo divino contra os coronéis, os políticos, a polícia, os jagunços e todos os ímpios. O beato Estêvão, bem antes de Zefa encontrá-lo em meio ao seu êxodo do sertão, já percorria o deserto anunciando o juízo de Deus sobre os maus.

Jorge Amado, porém, ainda que talvez não acreditasse em sua pregação, se dedica à questão da consciência e da organização de classe, mostrando que esses pregadores eram ouvidos devido à profunda situação de exclusão em que viviam os trabalhadores do campo.

E, ainda que a religião, na visão marxista, seja o suspiro dos oprimidos, o ópio do povo, mesmo essa crítica feita por homens e mulheres pios, mostra que a opressão social, econômica e política é uma realidade. Só não seria desejável que o trabalhador fizesse uma inversão da realidade, atribuindo ao divino a sua situação de opressão e se alienando de seu potencial de transformação.

Quanto a *Tenda dos Milagres*, trata-se de uma obra de suma importância, devido, em primeiro lugar, à sua luta contra o preconceito racial, tanto na Bahia quanto em todo o país.

Em segundo lugar, e atrelado ao problema do preconceito racial, a obra se reveste de importância devido à defesa da liberdade religiosa presente em suas páginas, nas quais o escritor, através de Pedro Archanjo Ojuobá, luta para que sejam assegurados “a liberdade, o respeito e os privilégios concedidos às religiões católica e protestante, pois os cultos afro-brasileiros são a fé, a crença, o alimento espiritual de milhares de cidadãos tão dignos quanto os que mais o sejam”¹⁶.

Porém, ainda hoje, os credos, os cultos e os praticantes das religiões de origem africana são discriminados e mesmo perseguidos no Brasil, mesmo depois de tanto tempo transcorrido da aprovação da Lei de Liberdade Religiosa, de autoria de Jorge Amado, aprovada na Constituinte de 1946, em seu curto mandato de Deputado Federal, eleito que fora por São Paulo.

¹⁶ *Tenda dos Milagres*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.170, (1ª. ed., 1969).

DESENVOLVIMENTO – PARTE II

Fizemos essa exposição sobre temas relativos à Cultura, à Religião, à Política e à Bíblia para demonstrar que há vários pontos em comum entre o uso da Bíblia para justificar ideologias políticas e interesses de classe, por um lado, e seu uso para justificar a violência na luta pela terra no Brasil, por outro. E, se nas ideologias políticas mencionadas, não se adota um critério hermenêutico rigoroso, mas se recorre à Bíblia de forma instrumental, o mesmo se dá nas críticas amadianas mencionadas em relação à leitura da Bíblia de forma superficial e imediatista.

Assim, se de um lado se recorreu à Bíblia para a justificação de diferentes formas de governo na história do pensamento político, por outro lado, em nosso contexto, na cultura do coronelismo, se adotou uma leitura laica e mágica do texto para justificar o massacre dos inimigos na luta pela posse da terra e na justificação da desigualdade social, da qual participou o clero, subserviente da classe dominante e mesmo tendo entre seus pares ricos proprietários de terra e de escravos, atuando, assim, a Igreja, desta forma, tanto no que diz respeito à própria religião, o que já implicava em uma forma de domínio, quanto de forma laica, como proprietária de terras e de ricas plantações, como ilustra Amado em Gabriela.

Nesse aspecto, ao longo da História, o recurso à Bíblia vai desde as referências aos seus textos, com a finalidade de corroborar as teses sobre a origem divina do poder civil, ou da supremacia da Igreja sobre o Estado, ou do caráter absoluto do poder civil, como o fez Hobbes, ou ainda do direito à resistência às tiranias, como o fez Locke, no *Segundo Tratado sobre o Governo*.

Quanto a Hobbes, ele faz uma interpretação secularizada do poder de comando de Moisés, o qual lhe foi dado com o consentimento dos anciãos de Israel, e afirma que o poder de Saul lhe foi transferido de forma absoluta pelos representantes da comunidade. Mas não podemos deixar de admitir o exagero de sua argumentação, quando concluiu que o poder absoluto procede do

próprio Deus, visto que foi o profeta Samuel, que falava em nome de Deus, quem disse:

Estes serão os direitos do rei que houver de reinar sobre vós: ele tomará os vossos filhos, e os empregará no serviço dos seus carros, e como seus cavaleiros... outros para lavrarem os seus campos... e outros para fabricarem as suas armas de guerra... tomará as vossas filhas... tomará o melhor das vossas lavouras e os dará aos seus servidores... também tomará os vossos servos... e os vossos melhores jovens... dizimará o vosso rebanho e vós lhe sereis por servos¹⁷.

Rousseau, porém, lê esse texto noutra perspectiva, mostrando a periculosidade do poder absoluto e afirmando que “parece natural que os príncipes sempre prefiram a máxima que lhes seja mais imediatamente útil. É o que Samuel expôs vigorosamente aos hebreus”. Assim, o filósofo de Genebra se opõe claramente à hermenêutica absolutista de Hobbes.

Comparativamente, talvez não fosse exagero dizer que a Bíblia, em se tratando de Política, poderia ser vista da mesma forma que o pensamento político de Maquiavel, o qual, de acordo com Claude Lefort, “serve a todos os ódios, metamorfoseia-se de acordo com os acontecimentos, já que pode ser apropriado por todos os envolvidos em disputa”¹⁸.

O mesmo se deu na instituição eclesiástica, que se serviu das Escrituras para fortalecer a uma instituição que, ao longo da História, passou a interferir na Política, pretendendo ser um Estado acima do Estado e mostrando, assim, o caráter político da instituição eclesiástica, mesmo que as suas pretensões de domínio ignorem que no próprio texto canônico reconhecido pela Igreja estejam escritas as seguintes palavras de Cristo: “O meu reino não é deste mundo”¹⁹.

¹⁷ I Sm 8, 11-18.

¹⁸ Maria Tereza Sadek. “Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù”, in: WEFFORT, Francisco C. (Org.), *Os Clássicos da Política*. S. Paulo: Ática, 1989, p. 13.

¹⁹ Jó, 18.36.

CONCLUSÃO

Enfim, como o trabalho que desenvolvemos no Pós-Doutorado foi sobre a “Retórica e a Hermenêutica Política da Bíblia em Thomas Hobbes”, pareceu-nos oportuno estabelecer um diálogo entre um capítulo da pesquisa, como mencionado acima, com um autor da Literatura Brasileira, mostrando que, no Brasil, a Bíblia foi usada como recurso ideológico, tanto pelo clero, que era portador de um discurso inversor das relações sociais, econômicas e políticas, adornando assim a invasão e a escravidão, quanto pelos conquistadores de terras, os quais conheciam o livro apenas superficialmente e privilegiavam a função mágica da linguagem em lugar de sua função semântica, justificando, assim, toda sorte de violência.

E, desse modo, resgatamos uma parte da obra de Jorge Amado que talvez seja desconhecida dos leitores de hoje, e cuja popularização, por meio de telenovelas e filmes deixou em evidência mais o erotismo do que a sua crítica social e política.

E no que diz respeito ao nosso objeto de estudo, entendemos que Jorge Amado pode ser lido também sob a perspectiva de sua crítica às relações entre a Igreja e a classe dominante, de sua luta pela igualdade racial e pela liberdade religiosa no Brasil, e também de sua crítica da hermenêutica bíblica superficial e ideológica, seja a partir dos personagens de *Terras do Sem-Fim*, seja por intermédio de personagens como o Dr. Maurício Caires e por qualquer ideologia que tente se justificar com o manto do sagrado.

REFERÊNCIAS

Obras de JORGE AMADO

Cacau, 53. ed. Rio: Record, 2001, p. 71. (1ª. ed.:1933).

Gabriela, Cravo e Canela. 93. ed. Rio de Janeiro: S. Paulo: Record, 2006, p. 5. (1ª. ed.: 1958).

O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria. 3. ed. Rio: Record, 1999. (1ª. ed.: 1988)

Tenda dos Milagres, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.170. (1ª. ed.:1969).

Terras do Sem Fim, 1943, p. 79 (<https://www.elivrosgratis.com/livro/1599/terras-do-sem-fim-jorge-amado.html>, acesso em 25/10/17).

Outras obras

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. S. Paulo: Abril Cultural, 1973.

LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo*. S. Paulo: Abril Cultural, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. S. Paulo: Abril Cultural, 1973.

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. (<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/miseria/cap01.htm>: acesso em 25/10/17).

ROPS, Daniel. *Que é a Bíblia?* S. Paulo: Flamboyant, 1958.

SADEK, Maria Tereza. "Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù", in: WEFFORT, Francisco C. (Org.), *Os Clássicos da Política*. S. Paulo: Ática, 1989, p. 13.